

HABITAT SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL NO TERRITÓRIO PAULO FREIRE

Liliana Esteves Morais¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar relatos do Projeto de Extensão Habitat Saudável e Sustentável da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), que atua desde 2016 no Bairro Progresso, em Criciúma, Santa Catarina. O bairro é pertencente ao Território Paulo Freire, recorte localizado a oeste do centro do município, abrangendo diversas comunidades socioeconomicamente desfavorecidas, que estão, em sua maioria, associadas com ocupações clandestinas e/ou irregulares. Faz parte do ideal do projeto perceber como se estabelecem as relações com o meio nesses locais, e através desse movimento identificar as noções de apropriação dos espaços, identificação, personificação, cultivação e sentimento de pertença, (GONÇALVES, 2014) tanto para os espaços individuais, como também nos espaços coletivos. O desenvolvimento metodológico do trabalho foi planejado, essencialmente, em quatro etapas: (1) Levantamento de Campo com Leitura Técnica, (2) Oficina de Mobilização e Sensibilização por meio da Leitura Comunitária, (3) Cruzamento da Leitura Técnica e Comunitária e (4) Contato com a Comunidade. Dessa forma, o Projeto de Extensão Habitat Saudável e Sustentável se concretiza através da discussão com a comunidade, buscando a horizontalização entre saberes, favorecendo espaços de trocas e de construção coletiva, e almejando a autonomia e o empoderamento dessa população frente às problemáticas a serem enfrentadas.

Palavras chave: Autonomia; Construção coletiva; Cooperação; Horizontalização de saberes; Empoderamento comunitário.

Abstract: This article aims to present reports of the Healthy and Sustainable Habitat Extension Project of the Southern Catarinense University (UNESC), which has been working in the Progresso Neighborhood in Criciúma, Santa Catarina since 2016. The neighborhood belongs to the Paulo Freire Territory, a cliff located west of the center of the municipality, covering several socioeconomically disadvantaged communities, which are mostly associated with clandestine and / or irregular occupations. It is part of the ideal of the project to perceive how the relations with the environment are established in these places, and through this movement to identify the notions of appropriation of spaces, identification, personification, cultivation and feeling of belonging, (GONÇALVES, 2014) , as well as in collective spaces. The methodological development of the work was essentially planned in four stages: (1) Field Survey with Technical Reading, (2) Workshop on Mobilization and Sensitization through Community Reading, (3) Crossing of Technical and Community Reading, and (4)) Contact with the Community. In this way, the Healthy and Sustainable Habitat Extension Project is concretized through the discussion with the community, seeking a horizontal relationship between knowledge, favoring spaces of exchange and collective construction, and aiming at the autonomy and empowerment of this population in face of the problems to be faced .

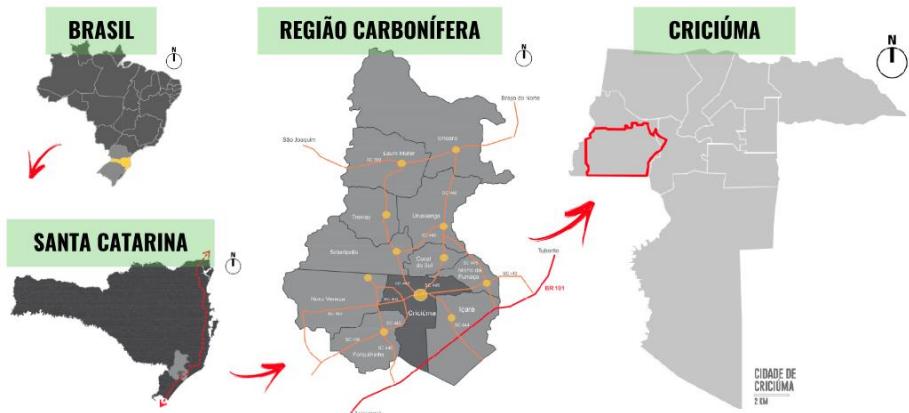
Keywords: Autonomy; Collective construction; Cooperation; Horizontalization of knowledge; Community Empowerment.

¹ Universidade do Extremo Sul Catarinense

Fortalecendo a relação entre universidade e comunidade, este artigo relata os dois anos e meio de atuação do Projeto de Extensão Habitat Saudável e Sustentável da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, que vem resultando em uma interação transformadora para ambos os lados. Realizado no município de Criciúma, no sul de Santa Catarina, o projeto faz parte do Programa de Extensão Território Paulo Freire, criado pela Unesc na intenção de desenvolver projetos que ampliem a autonomia das comunidades pertencentes a este território. Os bairros pertencentes ao Território se encontram ao oeste do centro de Criciúma, com população estimada de 30 mil habitantes, abrangendo aproximadamente quatorze bairros, sendo alguns deles considerados os mais socioeconomicamente desfavorecidos do município. O Programa e seus doze projetos possuem caráter inter e multidisciplinar, adotando referenciais do educador Paulo Freire, visando o empoderamento comunitário e o conhecimento da realidade, fortalecendo o tripé da universidade na relação entre ensino, pesquisa e extensão.

Conhecida como Capital Brasileira do Carvão, Criciúma cresceu em um ritmo de exploração desordenado, causando impactos ambientais notados somente décadas mais tarde, materializados no espaço através de montanhas de rejeitos da extração carbonífera, principalmente no setor oeste da cidade. Conforme a demanda habitacional aumentava em decorrência da expansão da cidade, iniciava-se um processo de ocupações irregulares nas áreas de rejeitos de mineração, áreas de inundações, e ao longo da faixa de domínio de antigos leitos ferroviários. Algumas dessas habitações ainda se encontram em condições precárias, acarretando na exclusão socioespacial dessas famílias.

Imagen 1 – Localização do Território Paulo Freire



Fonte: Bruna Manique, 2015. (Adaptado pelos autores).

Imagen 2 – Território Paulo Freire



Fonte: Google Earth. (Adaptado pelos autores).

O projeto partiu da perspectiva de melhoria das condições de habitabilidade e sustentabilidade ambiental e urbana dos seus assentamentos, através do desenvolvimento de atividades educativas por meio de oficinas de motivação, sensibilização, capacitação e mobilização da população que vive nestes assentamentos precários. No entanto, através da compreensão freireana, em modelo de extensão popular, entende-se que não cabe ao ‘extensionista’ transferir um conhecimento e acomodá-lo em sujeito passivo, de forma mecanicista, como no modelo de extensão tradicional. Em uma práxis que comprehende a comunicação, sujeitos se constroem em comunhão, e assim podem transformar a realidade. Nessa perspectiva, o projeto foi construído e “reconstruído” a cada encontro com a comunidade

a partir das decisões tomadas em comunhão e na relação direta com a população, priorizando também os interesses coletivos ao invés dos interesses individuais, para ‘fugir’ de uma extensão assistencialista, tendo como foco a extensão popular e libertadora.

Metodologia

Visando a educação popular, a metodologia de abordagem se realiza através de ações participativas com a formação de pequenos e grandes grupos por meio de reuniões de trabalho e oficinas temáticas, que se alimentam por dados de levantamento, por análises e diagnósticos e por indicação de ações propositivas para solução dos problemas que forem identificados, à medida que se vai avançando no processo. O desenvolvimento metodológico do trabalho foi planejado, essencialmente, em quatro etapas:

Etapa 1: Levantamento de Campo com Leitura Técnica: Após recorrer a algumas instituições e órgãos municipais, tais como Defesa Civil, Secretaria de Habitação e Infraestrutura, Secretaria de Planejamento de Obras e IPARQUE (Parque Científico e Tecnológico idealizado e instituído pela Unesc), foi feito um levantamento de dados envolvendo os docentes e discentes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Psicologia, paralelamente à realização de algumas visitas no Território Paulo Freire, onde se fez um reconhecimento coletivo da área e uma hierarquização das áreas mais socioeconomicamente vulneráveis do Território.

Etapa 02: Oficina de Mobilização e Sensibilização por meio da Leitura Comunitária: em paralelo aos levantamentos da leitura técnica, e em conjunto com o Programa Território Paulo Freire, desenvolveu-se a primeira oficina envolvendo a participação da população, com o apoio das Associações de Moradores de cada bairro do Território, a fim de identificar as principais potencialidades e fragilidades de cada bairro.

Etapa 03: Cruzamento da Leitura Técnica e Comunitária: Após a junção dos dados coletados nas etapas anteriores, fez-se um diagnóstico sobre a situação de habitabilidade dos bairros Território Paulo Freire, a fim de definir um bairro como área de atuação. Diante das percepções obtidas durante as visitas, do levantamento de campo com leitura técnica e da leitura

comunitária, definiu-se como área de atuação o Bairro Progresso, fazendo com que novas visitas ao recorte fossem necessárias.

Imagen 3 – Localização do Bairro Progresso no Território Paulo Freire



Fonte: Google Earth. (Adaptado pelos autores).

Etapa 04: Contato com a Comunidade: A partir das oficinas realizadas com a comunidade, que constituem a parte mais importante do projeto, a metodologia poderia ser modificada a cada encontro, pois mesmo que as dinâmicas fossem previamente discutidas e planejadas, nunca seria possível premeditar o que iria acontecer. Dentro de um modelo de extensão popular, trabalhar com o reconhecimento dos atores sociais é fundamental para fortalecer um projeto que se entende como participativo. E essa participação se dá por meio da dialogicidade, em um viés freireano, onde são favorecidas as trocas de saberes entre profissionais, acadêmicas e comunidade.

Bairro Progresso

O Bairro Progresso é um dos bairros pertencente ao Território Paulo Freire, e segundo o Censo do IBGE de 2010, possuía uma população de 1.698 habitantes, distribuída sobre uma área de aproximadamente 25 hectares. Originada a partir de ocupações irregulares instaladas às margens de uma linha férrea desativada, a Avenida Progresso foi uma das primeiras vias que surgiu no bairro. Seu entorno passou a ter uma expansão espontânea e sem planejamento, fazendo da avenida uma interrupção no traçado urbano, resultando no surgimento de diversas

ruas sem saídas. Embora seja denominada de avenida, a ausência de calçadas de qualidade faz com que o pedestre se aproprie da estreita faixa dos veículos, dando à via um caráter compartilhado.

77

Imagen 4 – Bairro Progresso / Avenida Progresso



Fonte: Google Earth. (Adaptado pelos autores).

A configuração do desenho da rede de ruas influencia no modo em que um indivíduo se relaciona com o outro, permitindo (ou não) diversas possibilidades de encontros. Enquanto, em uma primeira perspectiva, observaram-se diversas demandas de infraestrutura, saneamento e habitabilidade no Bairro Progresso, também pode-se exaltar a qualidade urbanística em diversos aspectos que aqueles espaços proporcionam. As ruas curvas e estreitas criam uma sensação intimista e, por vezes, traçam percursos que revelam a paisagem aos poucos. Na maioria das vias, percebe-se que o pedestre é o protagonista. As roupas dos vários varais espalhados pelas várias casas térreas balançam com a brisa do microclima proporcionado pela massa de vegetação existentes naqueles lotes. Em alguns dos muitos muros que beiram as ruas, encontram-se belos grafites que dão cor ao dia a dia daqueles moradores. E as habitações que permanecem sem muro se relacionam amigavelmente com a rua, tornando o percurso mais seguro e menos monótono. Segundo JACOBS,

(...) devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar

voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixá-la cega. (JACOBS, 1961, p. 34)

Imagen 5 – Grafite no Bairro Progresso



Fonte: Autoral.

Mas para o Progresso, as ruas já não bastam. O bairro necessita de espaços de convívio em uma escala mais ampla, tornando possível a pluralidade na sociedade. E essa escassez de espaços públicos é resultado de um descaso que parte não somente da gestão pública, mas de toda a cidade. A visão que a sociedade tem do Progresso é distorcida, influenciada por acontecimentos pontuais relacionados à violência e ao tráfico de drogas. Mas, acima disso, o Progresso tem vida. Se trata de uma comunidade que consegue fazer relações de vida coletiva mesmo sem possuir nenhuma praça ou centro comunitário. Tem, em sua essência, moradores que são a alma da vida cotidiana, que não tem medo da rua, e que são responsáveis por tecer suas histórias em cada um desses espaços. Não se espera menos de um bairro que tem ruas com o nome de Frida Kahlo, Jorge Amado, Margarida Alves, Vinícius de Moraes, Chico Mendes, Paulo Freire, Pablo Picasso, Cecília Meireles, Pablo Neruda, e outras fortes e significativas personalidades.

Imagen 6 – Avenida Progresso

Fonte: Autoral.

Inserção na comunidade

A inserção do projeto de extensão na comunidade se deu de maneira muito lenta e gradual. Iniciou-se os primeiros contatos por meio das lideranças institucionalizadas, como o Presidente da Associação de Moradores do Bairro, e a direção e coordenação de algumas das instituições presentes na área, como a Escola Adolfo Back e a Legião da Boa Vontade (LBV). Conforme a aproximação avançava, surgiram outras lideranças não institucionalizadas que articulam cotidianamente ações transformadoras, visando o bem estar social da comunidade. Entre essas lideranças, tiveram papel importante duas agentes comunitárias de saúde, que vivem o dia a dia da comunidade estabelecendo vínculos de confiança com cada morador. A experiência que ambas adquiriram através da profissão, associada com a vivência enquanto moradoras do bairro, fizeram com que elas passassem a conhecer melhor as potencialidades e vulnerabilidades do Progresso, e que tomassem iniciativas de transformação da comunidade que vão além do compromisso profissional enquanto agentes comunitárias de saúde.

É característica marcante do Progresso a presença de lideranças comunitárias que buscam para além de ações pontuais e assistencialistas, ações que sejam transformadoras da realidade em que a sua comunidade vive. Nesse mesmo movimento, também conhecemos o Projeto Social ATON, e seus idealizadores. Liderança presente na história do bairro, o presidente do projeto social Aton, atualmente também é vice presidente da Associação de Moradores. Sua história com o bairro atravessa o sua própria construção enquanto ser político. De acordo com ele, desde muito cedo problematiza a aproximação dos jovens da comunidade com as drogas, seja por meio do tráfico presente na comunidade ou do uso e abuso pessoal de

Revista Extensão em Foco, nº 17, Out./ Dez. (2018), p. 72 - 88.

substâncias, ao mesmo tempo que percebe essa relação com a falta de espaços de convivência coletiva e atividades direcionadas para tal público, sendo que o foco de intervenção do projeto ATON é principalmente para com as crianças e adolescentes.

É a partir dessa inquietação pessoal que vai nascendo o projeto, que atualmente oferece para os jovens moradores do bairro Progresso aulas gratuitas de balé, karatê e street dance, indo além do movimento recreativo, mas tecendo essa relação entre a arte, o esporte e práxis educativa. Além das aulas, a ATON disponibiliza brinquedos recreativos gratuitamente em eventos sociais nos bairros da cidade, principalmente nas comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica e, paralelamente, aluga-os para festas particulares a um preço acessível, a fim de cobrir os custos de manutenção e dar continuidade ao projeto.

Objetivos construídos coletivamente

Quanto mais se conhecia a comunidade e maior era a aproximação com os moradores, mais se percebia que a demanda era, essencialmente, de espaços coletivos. Contudo, ainda seria necessário atingir uma maior quantidade de moradores para verificar se tratava-se de uma demanda em comum, e discutir coletivamente como articular a luta pela criação de um espaço público sem se submeter a práticas assistencialistas.

No decorrer do projeto, realizaram-se diversos encontros e eventos com a comunidade, especialmente com as lideranças, onde, a partir de rodas de conversa e dinâmicas de grupo, discutiu-se questões relacionadas ao bairro e seus espaços públicos. Por se tratar de um projeto que visa a construção coletiva através de uma relação de horizontalidade, alguns desses encontros não tiveram o resultado esperado. Em muitos, quase ninguém compareceu. Em alguns, ninguém compareceu. Nesse processo, buscou-se problematizar junto às próprias lideranças as dificuldades em reunir-se com a comunidade. Dessa forma, em meio aos desafios com relação à participação popular, partiu da própria população a possibilidade de enfrentamento dessa demanda, que era principalmente do projeto. Percebeu-se, então, a importância de estar no cotidiano da comunidade, e de iniciar a inserção em grupos já existentes, e a convite dos próprios moradores.

Após o envolvimento em diversos eventos na comunidade e dinâmicas de grupo, os objetivos traçados durante a criação do projeto cederam espaço a outros objetivos muito mais

concretos, com um real envolvimento com os moradores. Dessa forma, outras demandas foram colocadas em evidência, como a importância de visibilizar a comunidade em relação à cidade. E confirmou-se, portanto, que a questão dos espaços coletivos era uma necessidade em comum a todos os moradores, se delineando, portanto, como uma demanda central para o bairro. Ao iniciar uma busca por espaços e edifícios ociosos na comunidade, na intenção de transformá-los em espaços de convívio do Bairro, o projeto deparou-se com uma realidade que vem sido frequente no município de Criciúma: a venda (e, por vezes, doação), de propriedades públicas para empresas privadas.

CAIC do Bairro Progresso

O CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente) foi um programa educacional brasileiro criado pelo governo Fernando Collor de Melo, na década de 1990, que tinha como meta a construção de cinco mil escolas de tempo integral. O arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé, foi convidado para participar do empreendimento, e para atender a demanda, colocou em prática seu grande conhecimento e experiência com sistemas racionalizados de argamassa armada, adotando um sistema construtivo rápido e industrializado para a execução das unidades (GOULART, 2014). Uma das unidades construídas localiza-se no Bairro Progresso, próximo a outros equipamentos de importância do bairro, como a Escola Adolfo Back, Legião da Boa Vontade (LBV), Unidade Básica de Saúde e Creche. No entanto, o edifício deixou de abrigar a escola há uns anos, entrando em situação de completo abandono. A posse do edifício, que era do Governo Federal, foi transferida para a Prefeitura Municipal de Criciúma, que após utilizá-lo por um longo período como depósito, acabou doando-o para uma empresa privada com a justificativa de proporcionar empregos para a comunidade. O ponto essencial da história é que, durante todo esse tempo, em uma das salas do edifício funcionava a sede do Clube de Mães do Bairro Progresso, fato que o governo municipal tinha conhecimento, mas preferiu ignorar, deixando somente a promessa de que uma nova sala viria a ser construída o mais rápido possível.

Imagen 7 – Sala do Clube de MÃes apÃs invasão



Fonte: Autoral.

Ao lado do edifício do antigo CAIC, está em andamento a construção de um edifício onde funcionará a Praça CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados), resultante de uma parceria entre o Governo do Município, a Fundação Cultural de Criciúma e o Ministério da Cultura. Após uma luta constante do Clube de MÃes por um espaço próprio, garantiu-se que neste novo edifício haveria uma sala destinada exclusivamente para o uso do Clube, assim como outras duas salas destinadas para o Projeto Social ATON e para a Associação de Moradores do Bairro. A obra, que iniciou em 2013, tinha prazo para finalização em 2016, porém até hoje encontra-se em andamento.

Imagen 8 – Obra da Praça CEU e, aos fundos, edifício do antigo CAIC.



Fonte: Autoral.

Clube de Mães do Bairro Progresso

Formado por poucas mulheres e muita união, o Clube de Mães do Bairro Progresso existe há mais de dez anos. Os contatos com este grupo de mulheres foram intermediados através das agentes comunitárias, que surpreenderam com uma história de persistência e de luta pelo espaço.

“Pra mim é muito triste hoje eu chegar aqui e ver o CAIC nesse estado. Eu dei aula aqui. Pra mim isso aqui era a minha casa, meu segundo lar. Eu tenho alunos que hoje já estão na faculdade que estudaram aqui. E dói muito chegar aqui e ver que ninguém tá nem aí. Tá tudo abandonado.” (Agente Comunitária)

“A gente vê que aqui é um desprezo muito grande. Enquanto tem muitos que não tem isso aqui, que tão morando debaixo das pontes, isso aqui tá sendo jogado. Gente tirando as coisas, levando, vendendo por míííimo. Tiram uma janela dessas que é bem cara, levam lá fora e vendem pro ferro velho por dez pila, enquanto o nosso dinheiro tá sendo jogado fora, porque isso aqui é dinheiro do povo. Então eu creio que eles deveriam agir de outra forma e ajudar a gente. Até mesmo botar pessoas pra cuidar disso aqui, pra não deixar que se acabe. Ou então, se eles não querem, que dessem pra gente, porque a gente saberia o que fazer. Com certeza a gente saberia o que fazer.” (Integrante do Clube de Mães)

Nas reuniões semanais com o Clube de Mães, tomava-se cada vez mais contato com a história destas mulheres. Muito mais do que uma tarde para aprender tricô, crochê ou bordados, acarretando em um auxílio financeiro, o grupo funciona essencialmente como meio de fortalecimento entre elas, atuando fundamentalmente na promoção de saúde mental. Algumas dessas mulheres confirmam, inclusive, que o ambiente do grupo possibilitou a remissão de sintomas, mesmo em processos de depressão, funcionando como um refúgio para a maioria delas, tirando-as da rotina para fazer amizades, descansar, aprender, conversar, orar, e acima de tudo, colocar em prática noções de solidariedade, autonomia, sociabilidade e cooperação.

Imagen 9 – Encontro com o Clube de Mães.



Fonte: Autoral.

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(NETO, 1966, p. 345)

Tanto na metáfora do poema de João Cabral de Melo Neto citado acima, quanto nos movimentos coletivos, o indivíduo só se completa em outros. E o mesmo encontrou-se no Clube de Mães ao sentir a integração de todas as mulheres no trabalho coletivo, com voz ativa e posicionamento transposto em cada uma delas em seus depoimentos. “Eu vejo o Progresso como um lugar que a gente tem chance de crescer, nós só precisamos da ajuda deles. Que eles venham ao nosso socorro e ajudem nós, porque eles tão vendo o que a gente tá passando”, relata

uma das mulheres. “Nós não queremos desistir, de jeito nenhum. Nós queremos ajuda pra permanecer.”

“Reflitam sobre esses doze, vinte anos que essas mães estão aqui. Que eles analisem a força disso e que não deixem o clube acabar. Que é importante pra elas, é importante pra gente, é importante pra comunidade. São exemplos de vidas que estão aqui. Pessoas que levantam, que chegaram numa sexta-feira às nove horas da manhã, pra limpar essa sala, pra deixar tudo organizadinho, mesmo sem ter expectativa de que isso continuasse. Que eles parem e reflitam nas promessas que fizeram de deixar a gente aqui esperando plantada, até o ponto de ser o clube assaltado, de elas perderem o pouco que elas conquistaram durante os anos que elas estão aqui, que não fique só em promessas, e que sejam palavras cumpridas.” (Agente Comunitária)

Após um dos contatos estabelecidos com o governo municipal, o Clube de Mães conseguiu adquirir o uso temporário de uma das salas de aula da Escola Adolfo Back no Bairro Progresso, até que a obra da Praça CEU fosse concluída. Nesse cenário, o grupo permanece sem um espaço fixo, tendo sua permanência enquanto grupo comprometida, já que pela ausência de um espaço seguro, no entendimento de uma habitação saudável, algumas mulheres estão se ausentando dos encontros semanais e questionando a permanência no clube. Ainda assim, pelo histórico de luta e resistência do bairro, percebe-se que esse movimento se repete no Clube de Mães ao ver a luta diária dessas mulheres por um espaço definitivo e de qualidade.

Imagen 10 – Encontro com o Clube de Mães.



Fonte: Autoral.

Resultados

No decorrer dos mais de dois anos do projeto de extensão, nas reuniões com a comunidade, nos eventos participados, nos eventos realizados, no contato cotidiano com os grupos comunitários, a necessidade do espaço coletivo foi aparecendo como um tema gerador que atravessava todos os grupos. Para o Projeto Aton, a questão do espaço surge através da necessidade do “espaço físico de uso coletivo” para realização das aulas de balé, karatê e street dance, e também para realização de eventos e confraternizações desses próprios grupos. A ausência do espaço físico acaba impedindo a disseminação e ampliação do projeto e por vezes a realização das atividades que dependem de um espaço físico e de certos equipamentos. Para as mulheres do Clube de Mães, a necessidade da sala vai além da realização de suas atividades, garantindo a própria sobrevivência e manutenção do grupo. A demanda da sala se faz presente também para a Associação de Moradores do bairro, que atualmente se encontra sem um local para fazer seus encontros e suas reuniões.

Tanto para os grupos comunitários, como para alguns dos moradores do bairro que estiveram em reuniões, encontros e eventos realizados com a comunidade e o projeto de extensão, a necessidade do espaço de uso coletivo apareceu realmente como demanda central, na fala de alguns moradores a necessidade de um espaço recreativo para crianças e adolescentes, inclusive para alguns isto surge como uma questão de segurança pública. Outros tem como necessidade a criação de um espaço para adultos e idosos, pensando inclusive no espaço da Praça CEU como uma possibilidade de realização desse projeto.

Através do empoderamento comunitário, a nossa inserção nas lutas da comunidade por um espaço de convívio, por um habitat mais saudável e sustentável, teve resultados fortemente ligados a vínculos pessoais, envolvendo principalmente a forma com que as pessoas se relacionam com os espaços, que por vezes não tem seu valor reconhecido pelos próprios moradores. Engana-se, portanto, quem pensa que os resultados de um projeto de extensão, sobretudo com metodologias freireanas, se dão somente na comunidade. As maiores transformações se deram em cada um de nós, desde os ensinamentos recebido nos encontros do Clube de Mães, ora sobre culinária e bordado, ora sobre resistência e união, até nos diálogos com as mais valentes lideranças comunitárias, que nos deram magníficas aulas sobre luta, sobre

conquista de direitos, sobre coletividade. Deixamos de nos colocar em uma posição de donos da verdade, em troca de sermos mais receptivos com o outro, de maneira horizontal, colocando em prática a real troca de saberes.

Outro resultado alcançado durante o projeto, juntamente com a comunidade, foi o destaque da comunidade para o restante da comunidade, evidenciando seus movimentos sociais e as diversas potencialidades que o bairro possui, visibilizando os diversos agentes articuladores da vida coletiva no bairro. Durante a Semana Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, em outubro de 2017, se fizeram presentes nas mesas de discussões as mulheres do Clube de Mães e o Presidente do Bairro, além de outras apresentações artísticas no espaço da universidade de grupos da comunidade.

Considerações finais

Entre idas e vindas, o projeto segue acompanhando os acontecimentos da comunidade. Atualmente esses espaços não estão garantidos para nenhum dos grupos e a inauguração da PRAÇA CEU continua sendo adiada. A cada encontro para tratar da inauguração da PRAÇA, fica evidente a negligência para com a comunidade na postergação das datas, sendo que é este o espaço de uso coletivo que atenderá a demanda de todos os grupos e da comunidade em geral, vislumbradas em nosso projeto.

Nesse mesmo desencontro, em decorrência do contexto atual das universidades no país, vários projetos de extensão, entre esses também o nosso, não foram reeditados, isto em momento crucial da história da comunidade para os moradores no bairro. No entanto, o contato foi mantido de maneira voluntária, em uma consciência de que os vínculos estabelecidos não podem ser rompidos repentinamente. Percebe-se, por fim, que ao manter fidelidade aos princípios da extensão popular e às reflexões de Paulo Freire, ainda que de maneira mais demorada, alcança-se diálogos mais sinceros.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Vagner de. BELAZI, Bruna. **Cidade do Paraíso: Há vida na maior favela de São Paulo.** São Paulo: Primavera Editorial, 2013.

Revista Extensão em Foco, nº 17, Out./ Dez. (2018), p. 72 - 88.



CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Extensão Popular: a reinvenção da universidade. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (Org.). **Extensão popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência.** São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 2011. 40-61.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 8^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 13^a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Habitar: a casa como contingência da condição humana.** Revista Invi, v. 29, n.80. p. 83-108. Maio, 2014.

GOULART, Mariana Fontes. **Conforto Térmico no Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá: proposta para melhoria do desempenho térmico de um antigo CAIC.** João Filgueiras Lima e o Projeto dos CAIC's. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Carlos, 2014. p. 21.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NETO, João Cabral de Melo. **A Educação pela Pedra.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.345.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** 3^a edição. São Paulo: Projeto, 1985.